**POEMAS DO DISCO "ALGO SOBRE A DISTÂNCIA E O TEMPO"**

**OS POEMAS ENTREMEIAM AS CANÇÕES DO DISCO, LANÇADO EM 2005, DECLAMADOS POR MARCUS DIAS. TAMBÉM FIZERAM PARTE DO SHOW DE LANÇAMENTO DO DISCO, NO THEATRO JOSÉ DE ALENCAR, EM FORTALEZA. FORAM TAMBÉM INCLUÍDOS NO PROGRAMA DO SHOW, IMPRESSO E ENTREGUE AOS ESPECTADORES.**

**ALGUNS DESSES POEMAS, NAS MESMAS GRAVAÇÕES DE MARCUS DIAS, ESTÃO NO SHOW "SOMOS TODOS NÓS ASSIM", DE ISAAC CÂNDIDO, DAVI DUARTE E PEDRO FROTA, ENCENADO EM 2019 EM DIVERSOS ESPAÇOS DE FORTALEZA.**

**TODOS OS POEMAS SÃO DE MARCUS DIAS E CHAMAM ATENÇÃO PELA BELEZA, PELA INTENSIDADE, PELA ORIGINALIDADE, PELA EXPRESSÃO. CAPTAM O ARTISTA NO AUGE DE SEU PROJETO POÉTICO, ARREBATANDO O OUVINTE/LEITOR. AS GRAVAÇÕES DO DISCO SÃO TAMBÉM UM PRECIOSO REGISTRO DO POETA DECLAMANDO SUA OBRA. CONFIRA:**

**A Culpa**

...E debrucei meu corpo

Sobre as avenidas

Que de tanto olhar

Não fazem mais efeito

Envelhecendo a gritos

Minha eternidade

Ao desmontar

Meus últimos

Sinais de alerta.

**Algo sobre a distância e o tempo**

A distância a que me refiro é a distância de mim mesmo. Aqui faz-se evidente a relação estreita entre a distância e o tempo. Uma vez que estando aqui, fisicamente preso a mim, ao meu corpo, encontro-me tão longe do que um dia fui que apenas posso referir-me ao tempo como forma de medida desse afastamento. E mais distante ainda do que eu deveria ser (o que é mais grave), me contento em comparar-me aos outros porque assim fazendo essa distância é clara e me fornece um foco.

O percurso que se faz em direção ao outro, a quem se ama ou não, é facilmente superado porque já se tem caminhos mapeados. Mas como alcançar aquilo que se bifurcou no tempo, mas que ao mesmo tempo segue a mesma estrada? Acredita-se na convergência ou acostuma-se a sentir saudades de si mesmo?

**Armadilha**

Aquilo que atribuis ao tempo

É por definição distância

De forma que não poderias

Defender teu mundo no vazio do objeto.

Há muito mais nas horas percorridas de silêncio

Do que tudo em volta anunciado,

Pois nem teu murmúrio poderás ouvir

Longe dessa armadilha.

Onde no outro encontras parte tua

Se desfaz o limbo.

Novamente sóbrio em verbo e tentativa,

Evitas o presságio.

Falarás de um tempo que não foi perfeito

Mas não deixarás de lado a envergadura.

O ciclo recomeça agora em corte rarefeito.

O que foi dito é cúmplice do não julgado,

E o que foi calado habita o que não foi desfeito.

**Frestas**

A contra-luz sutil

Que acreditavam

Ser momento

Adivinhando

O engano

Que aconteceria

Sorrateiramente

Alfinetou-se

Em frestas

Imperceptíveis falhas

Na extensão

Do tempo.

As horas

Que se acostumavam

E que se revezavam

Em curvas

De silêncio

Desfizeram

As dobras

De passagem

Pondo

Em linha reta

A distração

Da espera.

O que não foi

De todo

Um mal irreversível

Embora

As estranhezas

De se ouvir

Estrelas

Nunca mais

De novo

Em plena

Luz do dia.

**O bicho**

Há certos

Sentimentos

Que apavoram

Como se animal

Ferido

Encurralado

Ou como se

Pela primeira

Vez na vida

Eu fosse

Esfaqueado

Assim, com tal

Frieza e violência

Assim, com tanta

Impiedade

Há casos

em que não há meio:

A margem

Se transforma em leito

E o leito sangra o represado

O bicho

Se transforma em gente

E cautelosamente

Premedita

O seu pior ataque.

Há certos

Sentimentos

Que atravessam

A vida ruminando

Remoendo

Às margens desse rio

A espera

Do momento

Em que a cidade

Inteira

Se declare

Equivocada.

**O Salto**

Primeiro tive que afastar meus pés de toda lama

E arriscar um salto de aparente suicídio

Mas que depois de tudo me revelaria

Uma noção do peso do meu próprio mundo

Onde sequer sementes que nem brotariam

Qualquer demasia, qualquer densidade

Qualquer tentativa de sobrevivência

Que justificasse a escolha do impossível

Quando não resta espaço pra falar do tempo

E conseqüentemente ausenta-se a palavra

Em troca de um suposto alívio oferecido

Arrisco a trajetória às vésperas do salto

O que oportunamente se reverterá

Nas múltiplas passagens solidificadas

Da infinita espera pelo inexplorado

Até que se apresente um corpo ao meu destino.

**O Susto**

Depois de tudo

Posso me movimentar

Pelas estreitas ruas

Deste apartamento

Enquanto me desdobro

E salto sobre as pedras

Que abortei no instante

Em que me olhei no espelho.

**Pois o amor é assim**

Pois o amor

É assim:

Morada alheia.

A gente entra

Quando pode

E sai

Quando precisa

**O tratado das partes**

 O que é a tolerância?

 Alain respondia:

 ”uma espécie de sabedoria

 que supera o fanatismo,

 esse temível amor

 à verdade”

As partes

Como um todo

Em nunca

Linearidade.

O bem no mal

Pré-concebido

(revelado)

Aos arredores

Do revisto

E repensado,

Um nada

De verdade

Em linha reta.

Há curvas

No canal da infância

No futuro,

E labirintos

Que percorrem a vida

Em contra-movimento

E atemporalidade.

Um improvável mundo

De saber-se em dois,

Podendo ou não

Surtir efeito,

O que de mais a mais

Nos restaria

A escolha de viver

No tempo da incerteza.

O sacrifício do pecado

Em face do castigo,

Anunciando um pânico

Injustificado

Era reconhecido

Em marcas

Do maior esforço.

A portadora e dona

Dessa experiência

Ao dividir o todo

Em tantas partes,

Condenara o vício

Da memória cega

Em que estivemos

Todos esses anos

Mergulhados.